

### **Oswaldo Goeldi (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1895 - 1961).**

Gravador, desenhista, ilustrador, professor. Filho do cientista suíço Emílio Augusto Goeldi. Com apenas 1 ano de idade, muda-se com a família para Belém, Pará, onde vivem até 1905, quando se transferem para Berna, Suíça. Aos 20 anos ingressa no curso de engenharia da Escola Politécnica, em Zurique, mas não o conclui. Em 1917, matricula-se na Ecole des Arts et Métiers [Escola de Artes e Ofícios], em Genebra, porém abandona o curso por julgá-lo demasiado acadêmico. A seguir, passa a ter aulas no ateliê dos artistas Serge Pahnke (1875 - 1950) e Henri van Muyden (1860 - s.d.). No mesmo ano, realiza a primeira exposição individual, em Berna, na Galeria Wyss, quando conhece a obra de Alfred Kubin (1877 - 1959), sua grande influência artística, com quem se corresponde por vários anos. Em 1919, fixa-se no Rio de Janeiro e passa a trabalhar como ilustrador nas revistas *Para Todos*, *Leitura Para Todos* e *Ilustração Brasileira*.

Dois anos depois, realiza sua primeira individual no Brasil, no saguão do Liceu de Artes e Ofícios. Em 1923, conhece Ricardo Bampi, que o inicia na xilogravura. Na década de 1930, lança o álbum *10 Gravuras em Madeira de Oswaldo Goeldi*, com introdução de Manuel Bandeira (1886 - 1968), faz desenhos e gravuras para periódicos e livros, como *Cobra Norato*, de Raul Bopp (1898 - 1984), publicado em 1937, com suas primeiras xilogravuras coloridas. Em 1941, trabalha na ilustração das *Obras Completas* de Dostoievski, publicadas pela Editora José Olympio. Em 1952, inicia a carreira de professor, na Escolinha de Arte do Brasil, e, em 1955, torna-se professor da Escola Nacional de Belas Artes (Enba), no Rio de Janeiro, onde abre uma oficina de xilogravura. Em 1995, o Centro Cultural Banco do Brasil realiza exposição comemorativa do centenário do seu nascimento, no Rio de Janeiro.

#### **Análise**

Oswaldo Goeldi nasce no Rio de Janeiro. Filho do cientista suíço Emílio Augusto Goeldi, muda-se para Belém, Pará, com 1 ano de idade. Seu pai funda na cidade o Museu de História Natural e Etnografia, hoje Museu Emílio Goeldi. Vive em Belém até os 6 anos. Muda-se com a família para Berna, na Suíça, onde inicia seus estudos. Interessado em engenharia, vai para Zurique e ingressa na Escola Politécnica, em 1914. Sua estada na cidade é atribulada. A Europa vive o início da I Guerra Mundial (1914-1918) e, na sua admissão na Politécnica, Goeldi é convocado para o serviço militar, interrompendo os estudos. No Exército, atua como sentinela da fronteira e fica longe dos combates. Cerca de um ano depois, seu interesse pelo desenho cresce na mesma medida em que diminui a vontade de continuar cursando engenharia.

Em 1917, após a morte do pai, o artista abandona a Politécnica e se transfere para Genebra, com o intuito de estudar arte. Passa seis meses na Ecole des Arts et Métiers [Escola de Artes e Ofícios]. Decepciona-se, e passa a ter aulas no ateliê dos artistas Serge Pahnke e Henri van Muyden. Depois de curto período sob a tutela dos dois, abandona definitivamente os estudos de arte. No entanto, trabalha muito. Sua produção é exibida em uma primeira individual, ainda naquele ano, na Galeria Wyss, em Berna. Na exposição, conhece a obra de Alfred Kubin (1877 - 1959). Esse contato é decisivo para sua formação. Goeldi interessa-se pelo aspecto imaginativo e sombrio de suas cenas. Nesse período, seus desenhos incorporam temas mórbidos, ambientados em cenários aterradores. Na mesma época, faz amizade com o pintor Hermann Kümmerly. Realiza, com ele, as primeiras litografias.

Goeldi volta para o Brasil em 1919 e passa a residir no Rio de Janeiro. Adapta-se com dificuldade à vida carioca. Ele, que se sentia "um europeu sentimental",<sup>1</sup> se ressentia da defasagem cultural e do provincianismo da sociedade. Dois anos depois expõe no saguão do Liceu de Artes e Ofícios, já atuando como ilustrador na revista *Para Todos*, desde o ano de

seu desembarque. A mostra é mal recebida pela imprensa e lhe dá a medida da resistência do meio artístico brasileiro aos avanços artísticos da Europa. Apesar dos comentários negativos, a exposição o aproxima de um grupo de escritores, artistas e intelectuais interessados na renovação criativa, como Beatrix Reynal, Aníbal Machado (1894 - 1964), Otto Maria Carpeaux (1900 - 1978), Manuel Bandeira (1886 - 1968), Álvaro Moreyra (1888 - 1964), Ronald de Carvalho (1893 - 1935), Di Cavalcanti (1897 - 1976) e Rachel de Queiroz (1910 - 2003), que ainda não tinham prestígio. O apoio, no entanto, não é suficiente. O artista se abala. Torna-se cada vez mais avesso ao mundo cultural carioca e próximo da vida boêmia.

Em 1922, desentende-se com a família. Contrariados, os parentes tentam enviá-lo para a Europa. O grupo de intelectuais que havia se aproximado do artista, evita a sua partida e se esforça para garantir sua permanência no país. Em 1923, inicia experimentos com xilogravura. Aproxima-se da técnica por meio de Ricardo Bampi. Diz que começa a gravar para "impor uma disciplina às divagações a que o desenho o levava".<sup>2</sup> Em depoimento ao crítico e poeta Ferreira Gullar (1930) conta ter sentido "a necessidade de dar controle a estas divagações".<sup>3</sup> Nessa época, Goeldi muda-se para Niterói, onde pode trabalhar isolado. Faz xilos, desenhos e ilustrações e contribui para o periódico *O Malho*. Segundo a historiadora Noemi Silva Ribeiro, no fim da década de 1920 Goeldi passa a sobreviver como ilustrador.<sup>4</sup> Colabora em revistas, faz imagens para o romance *Canaã* (1928), de Graça Aranha (1868 - 1931), e para o livro *Mangue* (1929), de Benjamin Constallat (1897 - 1961). As imagens, no entanto, não são publicadas. Em 1930, lança o álbum *10 Gravuras em Madeira*, com prefácio de Manuel Bandeira. Em suas gravuras a superfície é predominantemente negra. Em *Abandono* (1930), as figuras aparecem vazadas na tinta. Goeldi abre uns poucos traços na madeira, com o que a luz, em suas xilos, parece lutar para conquistar presença em meio às superfícies negras.

Com a venda do álbum, arrecada dinheiro para ir para a Europa. Expõe em Berna e em Berlim. Reencontra seu amigo Kümmerly e expõe com ele em Muri, na Suíça. Visita Alfred Kubin, com quem se correspondia desde 1926. Goeldi reconhece o débito com o artista austríaco, com quem mantém correspondência por toda a vida. Na sua estada, faz alguns desenhos e deixa trabalhos em coleções na Suíça, Áustria e Alemanha. Retorna ao Brasil por volta de 1932. Nesse ano experimenta o uso da cor em suas xilogravuras.

Em 1937, ilustra o livro *Cobra Norato* (1931) de Raul Bopp, com trabalhos coloridos. Nesse momento, os principais intérpretes da obra de Goeldi ressaltam o afastamento de sua principal referência: Alfred Kubin. Isso não diminui sua admiração pelo austríaco. Seu trabalho, paulatinamente, toma outros rumos,<sup>5</sup> afirmando uma linguagem própria e singular. Suas imagens, também visionárias, ao contrário das do mestre austríaco, referem-se, no entanto, à realidade, não a mundos fantásticos. Os sulcos feitos na madeira revelam o que Carlos Drummond de Andrade (1902 - 1987) chama de "a irrealidade do real".<sup>6</sup> O assombro que faz parte do nosso cotidiano.

Nos anos de 1940, sua vida como ilustrador se consolida. Em 1941, colabora regularmente no jornal *A Manhã*. Na mesma década, realiza imagens para a revista *Clima* e para livros de Dostoiévski (1821 - 1861) e Cassiano Ricardo (1895 - 1974). O reconhecimento torna-se mais evidente a partir de 1950, ano em que expõe na 25ª Bienal de Veneza. Um ano depois, ganha o prêmio de gravura da 1ª Bienal Internacional de São Paulo. Nessa década, a cor aparece de maneira mais pronunciada em suas gravuras. Em *O Ladrão* (ca.1955), o artista mostra formas coloridas nos intervalos da mancha negra que predomina na cena. Em 1956, é realizada sua primeira retrospectiva, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP).

Nesse momento, Goeldi já é um artista de renome. Além de trabalhar em suas gravuras com regularidade, inicia, em 1952, sua carreira de professor, na Escolinha de Arte do Brasil. Três anos mais tarde, ensina xilogravura na Escola Nacional de Belas Artes (Enba). Com ele estudam, entre outros, os artistas Antônio Dias (1944), Gilvan Samico (1928) e Anna Letycia (1929). Numa quarta-feira de cinzas do dia 15 de fevereiro de 1961, Oswaldo Goeldi é encontrado morto em seu pequeno apartamento.

FONTE [enciclopedia.itaucultural.org.br](http://enciclopedia.itaucultural.org.br)



Palmeiras - Oswaldo Goeldi



Favela - Oswaldo Goeldi